



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Ferrovia Norte-Sul (trecho Araguaína-Colinas/TO) e do Pátio Multimodal de Colinas do Tocantins

Colinas-TO, 09 de dezembro de 2008

Meu caro companheiro e amigo José Sarney, ex-presidente da República e senador da República,

Meu caro Marcelo Miranda, governador do estado do Tocantins,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social,

Meu caro amigo e companheiro João Ribeiro, senador da República, e Leomar Quintanilha, dois senadores que têm apoiado o governo em todos os momentos, e nos mais difíceis que temos passado em Brasília,

Deputado Carlos Henrique Gaguim, presidente da Assembléia Legislativa do Tocantins. Eu quero que você agradeça aos deputados estaduais do estado do Tocantins pela honra de ter me dado o título de cidadão tocantinense,

Senhores prefeitos Derval Batista de Paiva, de Palmas; Cláudio Henrique Almeida de Brito, de Palmeirante; e Maria Helena das Dores, de Colinas,

Meu caro companheiro Juquinha, presidente da Valec,

Meu caro companheiro Roger Agnelli, presidente da Vale do Rio Doce,

Meu caro João Pacífico, diretor-superintendente da Odebrecht para a região Norte,

Senhor Marcos Kennedy, em nome de quem cumprimento todos os trabalhadores aqui presentes,

Prefeitos aqui presentes,



Deputados,
Secretários,
Companheiros e companheiras,

Se me permitem, este papel vai voar e eu vou entregar o papel aqui para o meu companheiro. E se me permitem, eu vou soltar este microfone aqui. Eu não tenho mais adjetivos para falar. O Sarney já ficou arrepiado, já ficou emocionado; o Alfredo já arrepiou, já se emocionou; o Marcelo já arrepiou, já se emocionou. Então, eu não vou nem me arrepiar e nem ficar emocionado. Eu vou dizer para vocês uma coisa. Eu digo sempre para os meus filhos que um filho, um adolescente só conhece a realidade da vida quando ele se casa e quando ele tem filhos. É quando a gente tem filhos que a gente se dá conta da importância do papel que a gente tem na sociedade. Enquanto a gente não é casado, é solteiro, a gente pensa que pode tudo, a gente pensa que nunca vai ficar doente, a gente pensa que não vai ter dor de cabeça, a gente pensa que nunca vai ficar velho, a gente pensa que nunca vai se aposentar, ou seja, nada importa a não ser a vida da gente.

Quando a gente casa, é tudo maravilhoso. Mais maravilhoso ainda é quando vem o primeiro bruguelinho para a gente tomar conta. No início, é extraordinário ir a uma maternidade e ver a enfermeira dar o bruguelinho para você pegar, todo cheirosinho, com cheiro de criança nova. Depois é que a gente vai saber onde é que o calo aperta. Quando a gente tem que acordar de noite para ajudar a mulher a tratar da criança, quando a gente tem que levá-la correndo para o hospital, quando a gente tem que cuidar da dor de barriga da criança, aí é que a gente começa a ter dimensão da responsabilidade de ser pai, e aí a gente volta a gostar do pai e da mãe da gente. Quando o filho é solteiro, todo final de semana ele quer sair de casa e ir para a gandaia. Quando ele casa, que tem um filho, todo final de semana ele quer voltar para a casa da nora e da sogra para cuidar dele, porque, na verdade, ele quer uma beirinha



para pegar o almoço pronto, ele quer tomar a cervejinha gelada do sogro, ele quer se sentar no sofá no lugar do sogro para ver... Além de roubar a filha da gente, eles ainda tomam conta do espaço.

Pois bem, eu estou dizendo isso, porque é quando a gente chega à Presidência da República que a gente tem noção dos problemas que tem o Brasil e a gente tem noção de que é preciso ter sensibilidade política para a gente poder fazer as coisas que têm que ser feitas no Brasil.

Eu estou dizendo isso, e quero pedir desculpas aqui aos meus companheiros parlamentares, porque quando o Sarney anunciou que ia fazer a Ferrovia Norte-Sul, lá no ano de 85, 86, eu era um deputado que fazia críticas ao Sarney. Eu dizia: vai ligar o nada ao nada. Essa ferrovia não tem sentido. Vejam o que é o destino. Quis Deus que passados tantos anos eu fosse eleito presidente da República para dizer ao próprio Sarney: nós vamos fazer a Ferrovia Norte-Sul. Por quê? Porque a verdade é que a classe política brasileira não conhece o País, cada um conhece o seu estado. E quem faz campanha também não conhece, porque você sobe de um palanque para outro palanque, desce em um aeroporto para outro aeroporto, você não conhece.

Eu aprendi, meu caro Marcelo Miranda, a conhecer o Brasil depois das eleições de 89. Quando eu perdi as eleições para o Collor, eu tinha dimensão de que o povo tinha eleito um presidente que não conhecia o País, e que eu também não conhecia o País. Aí eu inventei as Caravanas da Cidadania. Percorri mais de 90 mil quilômetros de ônibus, de trem e de barco neste país, e passei por aqui para poder conhecer, não apenas o País, mas para conhecer o povo deste país. Quando eu terminei as Caravanas eu tinha consciência de que eu estava preparado para ser presidente da República. Aí construíram a maior aliança que a elite já construiu neste país, para evitar que eu ganhasse as eleições em 94, e eu perdi as eleições.

Naquele tempo, fizeram uma coisa comigo, que só aconteceu comigo. Foi duro mostrar imagem externa na televisão. Foi duro mostrar imagem



externa no programa de televisão do candidato, porque eu tinha mais de 46 horas de fitas gravadas no Brasil, e os especialistas do lado de lá entenderam que era preciso fazer uma lei para que eu não mostrasse o Brasil que eu tinha visto nas Caravanas da Cidadania. Aí perdi em 94, perdi em 98, só fui ganhar em 2002.

Foram 12 anos de espera. Mas esses 12 anos de espera não me fizeram ser um homem ressentido, nunca tive ressentimento e nunca tive mágoa. Vocês nunca me viram reclamar do resultado de uma eleição que eu perdi. Eu perdi as eleições em novembro e em janeiro eu já estava andando por este país para levantar o moral da minha tropa, para dizer que a gente ia voltar, e ia voltar mais forte.

Pois bem, foi com essa convicção que eu cheguei à Presidência da República em 2002. Foi essa convicção que me permitiu juntar vários companheiros aqui, dentre os quais o companheiro Sarney, que já tinha me apoiado nas eleições, para que a gente pudesse construir uma maioria no Congresso Nacional e fazer este país mudar de qualidade. Este país, havia 20 anos que a economia crescia muito pouco, havia 20 anos que tinha muito mais desemprego do que emprego gerado neste país, havia 20 anos que a gente passava o tempo inteiro correndo atrás de fazer um acordo com o FMI para poder resolver os juros e o pagamento da nossa dívida externa.

Eu me lembro perfeitamente bem, Sarney, eu fazia dezenas de reuniões com economistas de todos os partidos políticos, com economistas de todos os pensamentos, e a cada vez que eu me reunia com os economistas, eles diziam para mim: “o País está quebrado, o País não vai dar certo, o País não vai crescer, o País não sei das quantas”. Eu dizia para eles: espera aí, vocês são meus amigos, eu vim aqui ouvir vocês. Vocês querem que eu seja candidato e dizem que o País está quebrado e vai quebrar mais ainda? Para que vocês querem que eu seja Presidente? Aí eu tomei uma decisão, porque possivelmente fosse necessário alguém que não fosse da elite brasileira;



alguém que não fosse daqueles que habitualmente passaram pelo poder neste país, representando outras classes sociais; alguém que não fosse tão inteligente como eles; mas alguém que tivesse um pouco de conhecimento da alma das mulheres e dos homens deste país; alguém que conhecesse o sentimento de um trabalhador desempregado; alguém que conhecesse o sentimento de uma mulher que ao ir a uma farmácia para comprar remédio para o seu filho, não tinha o dinheiro para comprar o remédio e voltava para casa com o filho doente e com a receita embaixo do braço. Era preciso conhecer o sentimento de camponeses que não tinham financiamento para a sua produção agrícola, e era preciso conhecer o sentimento de um povo que, desde que o Brasil foi criado, ouviu dizer, ao longo da história, que o Brasil seria o futuro, o país mais importante, o celeiro do mundo.

E a minha geração cansou de esperar. A minha geração ouviu tanta crise, e falar tanto em crise, que eu penso que a gente tomou vacina contra crise. Aí, pegamos o Brasil, em 2003, e o Brasil estava realmente quase quebrado. A gente não tinha dinheiro para financiar as nossas exportações, a gente não tinha credibilidade, o desemprego era muito alto, e nós falamos “vamos consertar, mas vamos consertar como um peão consegue domar um cavalo bravo”. Vocês já viram o que é um peão domar um cavalo que não deixa o cidadão montar em cima. Ele briga, ele reage, ele dá coice. Eu dizia: a gente vai até tomar uns coices, mas a gente vai domar essa bexiga, daquela crise de 2003.

E fizemos. Fizemos o que precisava ser feito, porque também tem uma coisa na política. Vocês já viram também quantas vezes vocês, quando eram jovens, a mãe de vocês fazia um sacrifício desgramado para fazer um feijãozinho com arroz, e quando colocava na mesa: “eu não gosto, eu não quero”. Nem perguntou se tinha outra coisa para fazer, mas já fala que não gosta. Na política também é assim. Quando a gente quer fazer uma coisa, aparece alguém: “eu não gosto, eu não quero”, e às vezes atrasa esse



processo.

Pois bem, nós demos a este país... Quando eu digo nós, eu digo nós, eu digo vocês, eu digo mulheres e homens deste país que acreditaram, eu digo os trabalhadores, mas digo os empresários, eu digo a classe média brasileira, eu digo os deserdados deste país, aqueles que vivem nos confins do Judas e que, muitas vezes, nem a televisão consegue chegar lá para entrevistá-los, nem carta chega porque o pombo-correio se perde.

Eu falo desse que começou a perceber que o País estava acontecendo para ele e que o Bolsa Família é uma pequena ajuda, mas R\$ 70 ou R\$ 80 para uma dona-de-casa é menos do que uma gorjeta que um rico dá num bar depois de encher a cara de uísque. E com aquele dinheiro, uma mulher é capaz de levar a comida para sustentar o seu filho. O programa Luz para Todos, todos esses programas, quando nós fizemos diziam “é assistencialismo, é populismo”, porque neste país não se estava acostumado a governar para pobre. As pessoas se contentavam em governar para 35 milhões de brasileiros e não para 190 milhões de brasileiros. O Sarney, quando fez o Plano Cruzado em fevereiro de 1986, foi um dos melhores momentos da economia deste país. Foi uma pena que a classe política daquela época se aproveitou do Plano Cruzado para se eleger, ter 23 governadores de estados, 306 constituintes, e logo depois acabou o Plano Cruzado, que tinha sido um sucesso extraordinário neste país.

Vocês sabem, companheiros e companheiras, que para a gente construir uma casa de um quarto, cozinha e banheiro, às vezes a gente leva meses; às vezes os parentes se comprometem a ir no final de semana e não vão; às vezes vão, tomam umas canjebrinas e a parede fica torta, não colocam o prumo, a gente tem que derrubar a desgramada e fazer outra vez. Mas para fazer uma casa, às vezes leva três meses, quatro meses. Para destruir, a gente destrói em um minuto. Destruir é muito mais fácil do que construir, e depois de tantos anos deste país esperando crescer, deste país querendo crescer, vocês



viram agora na televisão o presidente eleito dos Estados Unidos dizendo: “Até 2011 eu quero criar 2 milhões de empregos nos Estados Unidos”. Nós, este ano, já criamos 2,2 milhões de empregos com carteira assinada neste país.

A Dilma falou de uma tal de crise, a crise que aconteceu nos Estados Unidos, a crise que aconteceu na Europa, uma crise causada pela especulação. Nunca houve nenhuma razão para o petróleo custar US\$ 150 o barril. Era pura especulação no mercado futuro. Diziam que era a China, e era mentira, era especulação. Vocês viram o alimento subir em julho do ano passado, estourou o preço da soja, por quê? Exploração. Porque nada explica que aquelas coisas tenham subido como subiram. E quando alguém quer ganhar dinheiro sem produzir um bem, ou é ladrão ou é especulador, porque o dinheiro de uma nação tem que ser produzido às custas da produção: é produzir um capacete, é produzir um sapato, é produzir um óculos, é produzir uma máquina, é produzir uma caneta, é produzir uma máquina fotográfica, ou seja, o resultado do crescimento de um país se deve ao resultado do crescimento da produção daquele país.

Se for da especulação, acontece o que aconteceu nos Estados Unidos, cria uma bolha, é como se fosse um ovo sem gema: você quebra e não tem nada dentro. Então, quebrou a economia americana, eles já colocaram lá mais de US\$ 1 trilhão e 300 bilhões. E nós aqui não quebramos e não vamos quebrar. Tem gente torcendo para a gente quebrar, tem gente que vai se deitar rezando: “Tomara que a crise pegue o Brasil para esse Lula se lascar”. É, é só vocês lerem, leiam e vejam televisão, escutem rádio, ou seja, é quase uma propaganda sistematizada em favor da crise, é quase uma propaganda. Quando, na verdade, eu acho que a gente tem que falar da crise porque ela é séria, ela é profunda, mas a crise não foi causada por nós. O Brasil é, hoje, e eu posso dizer como Presidente da República, olhando para vocês: não tem nenhum país do mundo mais preparado que o Brasil para enfrentar esta crise. Não tem nenhum país do mundo mais preparado do que o Brasil, com mais



estabilidade, nós temos reservas, nós temos mercado interno, e nós temos uma economia crescente.

Agora a propaganda está tornando a sociedade subordinada ao pânico. Vamos supor que a gente estivesse aqui e aparecesse alguém ali no microfone de uma rádio e dissesse: “daqui a dois minutos vai cair um meteoro onde o Lula está falando com os trabalhadores”. Todo mundo correria. Pode ser que daqui a 3 milhões de anos possa cair um meteoro, mas a gente não pode falar blasfêmia sem a convicção do que está falando. Então, o que está acontecendo no Brasil hoje? O que está acontecendo no Brasil? Quando vocês vão visitar um parente no hospital, como é que vocês procedem? Está lá o coitadinho internado, doente. Normalmente, quando a gente está internado a gente fica mais feio, mais sofrido. Então, a gente chega perto da pessoa, o que a gente fala? Olha, meu filho, você vai sarar, o médico é bom, o hospital é bom, a medicina avançou. Não é assim que se fala? A não ser que você sente perto dele e fale: “Ó, ontem morreu um cara igualzinho a você, perto de casa”. “Ih, dessa doença aí, eu conheço que ninguém escapa”. Ou seja, é melhor não ir visitar, é melhor mandar uma cartinha.

Então, é assim que está acontecendo com a crise. Ora, o que acontece? A crise está criando um certo pânico, não para comprar roupa, para comprar sapato, porque o comércio está bombando, mas uma televisão, um carro, uma geladeira, um fogão, que os economistas tratam como bens-de-consumo duráveis ou semi-duráveis. Quando vocês ouvirem esta palavra, duráveis ou semi-duráveis é um carro, uma casa, uma máquina, e os semi-duráveis são uma geladeira, um fogão.

Então, às vezes, o companheiro trabalhador ele tem até o dinheiro para comprar, mas ele fala “eu não vou comprar, não, porque e se eu perder meu emprego, como é que eu vou fazer?”. Não é assim que a gente pensa? Agora veja a contradição. Se você não comprar é que você vai perder o emprego. Esta é a contradição, porque imaginem a economia sendo uma roda-gigante.



Ela está girando, então o trabalhador compra, o comércio vende, a fábrica produz. Se o consumidor para de consumir, o comércio para de fazer encomenda na fábrica e a fábrica para de produzir. O que acontece? Vai ter desemprego na fábrica, vai ter desemprego no comércio e a gente vai ficar sem o bem da gente.

Então qual é o conselho que eu tenho dado ao povo? Se você está com dívida, meu filho, não faça mais dívida, pelo amor de Deus. Pague a sua dívida, pague. Agora se você tem um dinheirinho, tem o 13º e quer comprar o seu terno novo, a sua televisão nova, a sua geladeira, quer dar um microondas de presente para sua própria casa, quer dar um computador para o filho... em suaves prestações, se puder, compre. Porque se não comprar, aí a gente vai ter crise no Brasil. Se todo mundo parar de comprar e a economia ficar paralisada, a gente vai ter crise.

Então o engenheiro, o empresário vai ter que fazer a reforma e o momento de fazer investimento é este. Eu sei que tem um problema chamado crédito que nós vamos consertar, porque o crédito está muito alto neste país e o dinheiro desapareceu. Nós vamos consertar isso. Agora, o momento de investir é este, para a gente se preparar, porque esta crise tem que ser vista pelo Brasil como uma grande oportunidade.

Quem sair na frente vai ganhar o jogo e nós precisamos sair na frente. Então é com muito orgulho que eu andei 20 quilômetros de trem. Está certo que o Roger colocou uma locomotiva que parecia uma tartarugazinha: uém, uém, uém... Poderia ter colocado uma moderna, daquelas que voam no trilho. Mas o prazer de saber que cada dormente destes foi colocado por vocês, saber que por conta desta ferrovia vocês levaram o pão para a mulher de vocês e para os filhos, que vocês suaram aqui, mas ganharam um salário e voltaram pra casa com a dignidade realizada de um ser humano decente, honesto, trabalhador, que honra a palavra que deu para o pai das mulheres quando vocês foram pedi-las. Ou do solteiro que honra a família quando chega em



casa fala: “Mãe, está aqui. Eu ganhei tanto, o que que a senhora precisa? Vamos ao supermercado comprar comida. Vamos colocar feijão nessa mesa, vamos colocar pão, vamos comprar uma lembrancinha no Natal para dar de presente a alguém.”

O meu orgulho é este, é saber que esta ferrovia vai transportar soja que vai gerar emprego, vai transportar álcool que vai gerar emprego, vai transformar produtos industriais que serão feitos aqui e que vão gerar empregos. Não tem nada mais importante para um Presidente da República, que durante 27 anos trabalhou dentro de uma fábrica, do que saber que em seis anos nós criamos mais de 10,5 milhões de empregos com carteira nacional assinada. Daí porque o meu orgulho.

E pode ficar certo, Sarney, nós vamos continuar visitando o estado. O ano que vem tem mais trecho para inaugurar, depois tem mais trecho. Aí eu também tenho certeza de que eu vou fazer a minha sucessão. Tenho certeza. Agora eu só espero que quem for eleito me convide para vir aqui inaugurar os outros trechos da nossa querida Ferrovia Norte-Sul, porque nós vamos integrá-la, sabe, a este país inteiro. E se Deus quiser um dia eu serei convidado para dar uma volta nela de onde ela começa até onde ela termina, para a gente poder ver o prazer de a gente governar este país e fazer as coisas acontecerem.

Meus companheiros e companheiras,

A minha vinda aqui para inaugurar esta obra, e o que eu vou fazer no ano que vem, visitando nossas obras, é a resposta que eu dou à crise. Eu disse aos governadores: não parem de investir um centavo. Se a gente parar de investir, a crise vem. Agora é hora do Estado não gastar dinheiro com custeio. Não podemos gastar dinheiro com custeio. A gente tem que gastar dinheiro com investimento, investimento em obras de infra-estrutura, investimento em coisas que possam gerar empregos, porque se a gente tiver responsabilidade fiscal, investimento em geração de riqueza e de emprego,



essa crise vai voltar para os Estados Unidos e vai voltar para a Europa como ela saiu de lá, porque nós vamos segurá-la aqui dentro.

Portanto, meu companheiros e companheiras, tenham a certeza de que hoje é um dia glorioso para mim. Ver esta locomotiva buzinar, saber que ela já carregou mil toneladas de soja e saber que ela pode carregar muito mais, e estar aqui com todos estes companheiros e com vocês, eu só poderia dizer para vocês: isto é a gratificação de ser presidente do Brasil. É poder terminar o meu mandato, vocês me chamando de companheiro, e eu chamando vocês de companheiros porque, afinal de contas, este Brasil não é do presidente, é do povo brasileiro.

Um abraço, meus queridos companheiros e até a nova inauguração, se Deus quiser.

(\$211A)